



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

### **ESCALA E PAISAGEM ATRAVÉS DO OLHAR DA INFÂNCIA: UMA EXPERIÊNCIA DE GEOGRAFIA E O CINEMA COMO ARTE**

Bruno Pontes\*  
(UFRJ)

Adriana Fresquet\*\*  
(UFRJ)

#### **RESUMO**

Este trabalho pretende socializar um projeto de introdução do cinema na escola, na aula de Geografia, situando o marco teórico da Geografia humanista e cultural e os PCN para o ensino nas séries iniciais; fundamentando a estratégia psicopedagógica na zona de desenvolvimento próxima (imediata) de Vigotski e a proposta de cinema em sala de aula, na perspectiva de transmissão de cinema no contexto escolar de Alain Bergala. Culmina com a sugestão de seis oficinas/aulas para a constituição dos conceitos de *escala* e *paisagem*, que ainda serão realizadas em 4º ano, no Colégio de Aplicação da UFRJ. Trata-se de um encontro do espaço escolar com o olhar das crianças, da Geografia com o Cinema, da Ciência com a Arte.

**PALAVRAS-CHAVE:** Geografia cultural; Escala; Paisagem; Cinema na escola; Zona de desenvolvimento próxima; Infância.

#### **INTRODUÇÃO**

Esta epígrafe nos introduz a um encontro com o espaço, com um espaço que fala do novo, desse lugar “entre” os saberes que começa a crescer a cada vez mais como já falava o mestre Jiapiassu. A cada dia as fronteiras entre ciências e artes começam se

---

\*Aluno de Geografia UFRJ – Bolsista PIBIC de Adriana Fresquet (Faculdade de Educação - UFRJ).

\*\*Orientadora.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

permeiar permitindo o diálogo e criando, ao mesmo tempo, novos espaços para a produção de novos saberes e práticas.

O presente texto é uma aproximação a uma idéia, um gesto de fundamentação de uma proposta de interação de arte e ciência em contexto escolar.

Somos cientes de que uma proposta deste tipo precisa dar conta de introduzir alguns conceitos centrais de ensino-aprendizagem, e em particular de ensino aprendizagem da geografia e ainda justificar porque introduzir o cinema em sala de aula neste projeto.

Isto nos torna ainda mais consciente das limitações que esta empreitada significa. Mas estamos dispostos a correr o risco e tentaremos ser específicos nos cortes dos saberes que precisamos articular para tornar possível este diálogo na teoria e na prática.

Pretendemos fundamentar as possibilidades de introduzir o cinema em sala de aula para propiciar experiências estéticas a partir da visualização de diversos espaços, variando épocas, regiões e gêneros. Esse projeto se estrutura em seis oficinas, para aprender determinados conceitos de geografia relativos ao espaço e, ao mesmo tempo, experimentar o cinema na visualização de filmes e trechos de filmes e na prática da realização de minutos Lumiere no perímetro da escola e ainda desenvolver experimentações audiovisuais com a câmera filmadora para compreender melhor alguns conceitos, como por exemplo, o de escala. Além, ainda, de pensarmos que será interessante desenvolver alguns exercícios audiovisuais que possibilitem às crianças um olhar para o espaço através da experimentação com as possibilidades de uma câmera simples e leve.

Entendemos que a câmera possibilita uma relação diferenciada da criança com o espaço, que os instrumentos das outras formas de expressão artística não permitem, que é a possibilidade de reunir o tempo e o espaço, fazendo um recorte espacial da



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

realidade representada imagetivamente. O olhar da criança mediado pela câmera captura uma outra imagem.

A característica principal desta proposta é sua abertura e maleabilidade para que os professores interessados possam adequá-la à realidade, as suas necessidades, momento do currículo, do ideário pedagógico da escola, oferecendo-lhe total participação na (re)formulação das atividades, para se encaixarem ao programa da turma. Pensamos em trabalhar com os alunos durante o período de uma a uma hora e meia, em 6 (seis) encontros a combinar com o professor.

Temos embasado o trabalho no Parâmetro Curricular Nacional (PCN) para Educação Básica, e nele encontrou inspiração para todas as atividades sugeridas.

Entre os referenciais principais deste trabalho encontramos autores da geografia cultural como D. Cosgrove e J. Duncan; de psicologia da educação, Vigostki, em particular, no que diz a mediação entre o homem com a realidade através de signos e ferramentas e de cinema, Alain Bergala, com sua hipótese de introduzir o cinema em contexto escolar.

### **Breve fundamentação da geográfica cultural, psicopedagógica e cinematográfica**

A geografia desde sua institucionalização conviveu com problemas e densas críticas aos modos precedentes de exercer essa ciência. Num primeiro momento, em meio à efervescência do movimento cientificista do fim do XIX, teve que incorporar uma metodologia baseada em leis gerais, e estudos passíveis de demonstrabilidade. Advindos esses aspectos das formulações das ditas ciências naturais, que conseqüentemente produziu um característico determinismo, solidamente calcado no positivismo. Logo depois, movidos pela falta de aplicabilidade dessa vertente considerada na Geografia como Tradicional, por volta de 1950, muitos autores



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

manifestaram-se por uma ciência que fosse mais pragmática. Eles criticam a retrospectividade da visão tradicional, que não informava nem previa ações, não sendo então possível utilizá-la como meio de intervenção das ações humanas no espaço. Com isso, é proposta uma ciência prospectiva, que instrumentalizasse a Geografia. Alguns anos mais tarde, após o movimento de contra cultura no fim dos 60, há uma mobilização de alguns estudiosos influenciados pelo marxismo, em usar essa ciência espacial, como motriz para realização do processo de transformação da condição desigual da sociedade. Desagregando da Geografia sua característica excentricidade política, e tornando essa, que fora vista antes como um lastro da expansão imperialista (CASTRO, 2005) numa ciência militante. Sendo assim, essa que ficou conhecida como a Geografia Crítica, contou com acadêmicos da estirpe de Soja, Harvey e Milton Santos. Os autores dessa corrente desconsideravam as vertentes anteriores, e visavam uma ciência que analisasse o espaço, como lócus da manifestação das ações de reprodução da lógica desigual capitalista (MORAES, 2007).

A importância de observar cada uma dessas concepções é perceber que, assim como nos movimentos literários, uma vertente ao surgir, vem confrontar à antecedente, estabelecendo novos paradigmas, métodos e objetos de estudo. Sendo assim, propomos com o presente estudo, a utilização da arte em concomitância com uma Geografia Humanista, em vias de desviar do marxismo pregado nas escolas mediadas pelos livros didáticos.

Esse modo de analisar o espaço surgiu timidamente em 70 e não apresentou acentuada representatividade, porque nessa época era a Geografia Crítica que predominava nas produções textuais. Acompanhada da Geografia Cultural, a vertente Humanista apenas ganhou peso acadêmico na década seguinte. Ela privilegia o entendimento individual sobre a realidade, bem como alguns de seus autores como Isnard, Tuan e Relph, tendem não à explicação das diferentes dinâmicas que



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

organizam os espaços, mas sim a compreender os diferentes aspectos que compõem as múltiplas realidades, objetivando o singular e não o universal (HOLZER, 1992). Os humanistas não buscam explicar o espaço, já que levando em consideração a subjetividade, ilustrar cada ponto de vista sobre a mesma superfície torna-se tarefa hercúlea. Logo, privilegiam a interpretação dos aspectos do espaço. Assim, para entender melhor as multi-significações no espaço, assumimos a posição de Infante (1991) quando esse esclarece, que essa palavra deriva do latim *textum*, que significa tecido ou entrelaçamento, sendo esse, resultado da ação de tecer idéias por abstrações (palavras), que no final ao serem inter-relacionadas, já que uma não existe sem a outra, formam um todo articulado que expressa um ponto de vista.

Logo, o uso da metáfora “ler e interpretar o espaço como texto” (que é central em nosso trabalho) faz referência à presença de incontáveis aspectos em conjunto, que constroem o real, interpretados subjetivamente, criando *n* realidades a partir de nossas mediações simbólicas, que nos fazem entrar em contato com o mundo (VIGOTSKI, 2007). Leia-se *mundo* nesse caso, como espaço em duas concepções, *locus* da organização concreta dos humanos, e campo manifestante dos significados, ou seja, um mundo tanto material quanto simbólico. Assim, pretendemos introduzir o cinema em sala de aula de diversas formas: pela análise crítica e criativa de trechos de filmes cujos espaços são significativos para experimentar estética e geograficamente e pela produção de Minutos Lumière no contexto escolar e no entorno imediato se as autoridades escolares autorizarem. Ainda pretendo fazer alguns exercícios de experimentação audiovisual – com pequenas câmeras ou celulares - para descrever, nomear, comparar, diferenciar e classificar as variadas manifestações espaciais que compõe a realidade de cada criança, como será apresentado no final.

Desde outro ponto de vista o cinema entra na aula de geografia para fazer da experiência de aprender ainda uma experiência estética e uma experimentação. Além



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

de prover a possibilidade de representar os fluxos dos objetos de modo dinâmico, ação impossível para outras formas de arte, pois como escreveu Francastel “(...) o cinema estabelece a noção de espaço. É sobretudo por isso que ele se diferencia da literatura e da música (...)” (1985, p.157)

Apesar do cinema não ser um modo de expressão artística mais “completo” que os outros, ou que seja ele uma forma que se aproxime mais do real por valer-se de um número maior de aspectos da realidade, para o que estamos propostos a fazer, esse mostra-se o meio que possibilita abarcar um número maior de nós que formam a rede da realidade, agregando a possibilidade das crianças participarem efetivamente do processo criativo. Não estamos preocupados em ensinar cinema nossa preocupação é que na aula de geografia possa ser introduzida uma experiência estética e ainda sensibilizar o aluno para endereçar seu olhar para o espaço de uma forma particular, para olhar novamente para os mesmos lugares que atravessa no seu percurso até a escola descobrindo a luz, os sons, os efeitos das sombras, os reflexos nos espelhos, vidros, na Lagoa Rodrigo de Freitas.

Estamos apostando a hipótese de que na educação em Geografia devemos formar o *Homem Geográfico*. Aquele que analisa e interpreta o espaço nas inúmeras formas de concebê-lo, sem fragmentá-lo, buscando sua totalidade para compreender o que acontece a sua volta.

Partiremos do espaço próximo ou *Lugar*, conceito esse já abordado por inúmeros autores tais como Capel, Relph, Claval entre outros. Tuan (1983, p. 6) que distinguiu “O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”. Esse conceito possibilita trabalhar com o aluno, sua realidade sem nos perdermos em tentativas vãs de estudar as escalas administrativas, como bairros e municípios, fragmentando mais uma vez o todo. Não ignorando o *espaço vivido*, esse que seria a relação efetiva e afetiva entre o



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

sujeito e suas experiências, ligadas a valores e ao modo como cada pessoa se relaciona com o espaço. Assim, trabalhando com o que é próximo, nos permite estudar ações que vem de fora desse lugar (STRAFORINI, 2004). Dessa forma, escapando da síntese e da análise, por partir daquilo que as crianças têm como “seus” espaços, podemos avaliar outros lugares, através de filmes, mapas, imagens, relatos...

Tendo por ponto de partida o *Lugar* das crianças, e conseqüentemente suas respectivas análises, vale aqui dizer que a partir daquilo que é próximo, estudaremos as formas mais variadas de organização espacial traduzidas pela câmera, já que essa representará imagetivamente o espaço, em forma de Paisagem. Essa que expressa feições da cultura nos ajuda a perceber a lógica da organização de nosso meio, pois:

(...) a paisagem cultural refere-se ao conteúdo geográfico de uma determinada área ou a um complexo geográfico de um certo tipo, no qual são manifestadas as escolhas feitas e as mudanças realizadas pelos homens enquanto membros de uma comunidade cultural. (MIKESELL; WAGNER, 2007, p. 36).

Nesse sentido, a figura do professor (*passeur* para Daney, com aquele que acompanha o aluno na travessia de aprender correndo os mesmos riscos – Bergala, 2006) se torna fundamental, pois ele atuará no que chamou Vigostki de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP).

Conceitualmente esse termo está atrelado a outros dois, Zona de Desenvolvimento Real e Zona de Desenvolvimento Potencial, estando aquele entre esses. O primeiro diz respeito, ao conjunto de tarefas que uma criança consegue realizar por si mesma. O segundo representa, uma série de ações que a criança pode vir a realizar, no entanto, ela ainda não pode fazê-lo, pois seu nível de desenvolvimento ainda não evoluiu o suficiente. Logo, intermediando esses dois campos, a ZDP, que não seria propriamente uma zona, a qual agregamos sentido de



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

área delimitada passível de estabilidade. Mas sim um campo de intensa movimentação, e de confrontos eternos entre o aprender e o desaprender para num momento futuro reaprender, afetando não apenas os conteúdos “aprendidos”, mas também o modo pelo qual se processa seus raciocínios (VIGOTSKI, 2007).

Tais concepções relativas ao pensamento de Vigotski trazem a tona o apelo ao professor participativo do processo de desenvolvimento exige do profissional, um contínuo processo criativo, para incitar de diferentes maneiras o aprendizado no aluno.

### **Os PCN**

Segundo este instrumento a criança deve perceber que o espaço é resultado das relações entre os sujeitos da sociedade sobre a natureza, que através do trabalho a transforma, produzindo diferentes paisagens que se modificam no tempo. Desse modo, devemos orientá-las a distingui-las, para o espaço não ser visto como um todo caótico<sup>602</sup>. Um segundo ponto de extrema importância é ajudar os alunos a compreender o trânsito espacial pelas diferentes escalas. Utilizaremos para este projeto aquela que trabalha com noções mais diárias como global, regional, local será a que privilegiaremos. Damos destaque também a recomendação da utilização de mapas.

Algo aponta para a idéia de perceber a dinâmica das paisagens. Nesse sentido, mais dois tópicos podem ser relacionados com o estudo da paisagem. O primeiro diz respeito ao resultado dos trabalhos de geografia feitos pelas crianças, já que esses são indicados a terem como objetivo a construção da noção de cidadania, já supracitada. Conseqüentemente construindo na criança a preocupação com o preservar da natureza, que para nós, é uma forma inserida no espaço de modo totalmente intencional, passível de uma análise geográfica.

---

<sup>602</sup>Caos não no sentido comum do termo que alude para bagunça. Esse termo é originalmente usado para classificar situações em estado de indiferenciação.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

Ainda na orientação da paisagem, os PCN nos propõem a elaborar estudos que façam as crianças perceberem os diferentes gêneros de vida que existem tanto dentro do seu próprio país, quanto pelo mundo, com o objetivo de fazer-lhes perceber a igualdade na diferença. Por fim, instruir a criança a utilizar fontes escritas, mapas, imagens entre outros recursos, como material para avaliar os diferentes espaços. Analisando seus lugares, e resgatando aspectos de outros, para compará-los e daí então resgatar o mundo. Com isso, terem a capacidade de reconhecer referenciais espaciais como distância e orientação espacial, proporcionando a capacidade deles se deslocarem por seus lugares.

### **As atividades**

Pretendemos uma aproximação entre a experimentação audiovisual (vídeos feitos pelos alunos ao brincarem com planos, girarem os espaço de ponta cabeça, aproximarem e afastarem com zoom, captura de imagens em movimento...) além de buscar mais a fundo, uma experiência do cinema, ao assistirmos filmes ou produzirmos um *Minute Lumière*. Proporemos aos alunos a realização de uma prática das oficinas pedagógicas do cinema francês, na qual os participantes filmam um minuto com uma câmera fixa num plano, assim como os irmãos Lumière.

Essas aulas então são criadas e planejadas em formas de oficinas em diferentes paisagens e lugares, pretendendo privilegiar o contato entre os agentes do aprender (professor, aluno, sociedade em geral...) com seus espaços, criando e analisando-os, em diálogo, reajuste e ação conjunta com o professor de 4º ano. Aulas essas que estão estruturadas em seis momentos:

1. Primeiras aproximações: brincando com a escala em meios digitais
2. O espaço e o lúdico: filme, música e jogos.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

3. Criando o nosso Rio dentro da sala de aula.
4. Do horizontal ao vertical: a mudança da dimensão espacial.
5. Paisagens em fotos, vídeos e zoom: a geografia em um minuto Lumière.
6. Assistindo o olhar: as paisagens da escola

Buscamos com isso então, diversificar as diferentes maneiras que cada um dos alunos apresentam ao olhar o espaço, para conflitar perspectivas, almejando que os exercícios contribuam para que eles desenvolvam uma observação estética, lúdica e “desconfortável” do espaço. Fazendo das aulas de geografia uma outra experiência, na qual se propõe uma aproximação entre a arte e a ciência, entre o cinema e a geografia, entre o Rio e a infância.

Como se perceberá, na primeira parte das atividades, que vai da aula 1 até a 3, nosso objetivo é o trabalho como as diferentes **escalas**, e o trabalho da perspectiva horizontal e vertical. Na segunda parte dos trabalhos, que vai da aula 4 até a 6, nossa preocupação é fazer com eles desenvolvam o conceito de **paisagem**, como algo que existe no espaço por intenção e produção humana. Buscando com isso, sempre resgatar de um jeito ou de outro a referencia a lugar dessa crianças que é o Rio de Janeiro.

1 – A primeira atividade tem por objetivo utilizar o programa Google Earth para trabalharmos com os alunos noções de escala geografia no laboratório de informática. O sentido máximo da atividade é fazê-los dividir os espaços do planeta em continentes, oceanos, países, diferenciando a superfície da terra. Além de recorrermos como ponto de referencia o bairro da escola, quando percebem que dependendo do quanto a câmera estiver aproximada menos objetos abarcaremos no campo de visão, mas no entanto estarão esses mais bem detalhados do que se estivéssemos filmando-os de uma altura maior, já que perderíamos os detalhes da composição espacial, mas conseguiríamos no mesmo quadro um número maior de



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

elementos espaciais. Desse modo, clarificando ideias como global, nacional, regional, estadual, municipal, local...

Logo depois para terminarmos a atividade, será solicitado com tarefa para casa que filmem com qualquer recurso 1 minuto do trecho do caminho de casa para a escola, que seja escolhido como mais representativo do seu trajeto.

2 – Na segunda aula serão recolhidos os materiais solicitados para poder editá-los para a próxima aula. Começaremos contando/mostrando a historinha infantil ZOOM e projetaremos o clipe *Ora Bolas* do duo vocal PALAVRA CANTADA (Sandra Perez e Paulo Tatit), que será apresentado para as crianças tratando de relações espaciais e escalares. Depois as crianças receberiam esferas de isopor para poderem pintar cada uma o seu Planeta Terra, que seria utilizada como instrumento na brincadeira que seria efetuada com a canção “Ora Bolas” para continuar trabalhando noções geográficas. Essa brincadeira seguirá uma série de regras de jogo acompanhado pela dança, no qual as crianças precisarão se movimentar e referenciar os espaços de acordo com o que é cantado na música, numa espécie de amarelinha gigante, transitando, mesmo que simbolicamente, pelas diferentes escalas geográficas.

3 – Na terceira aula projetaremos os materiais filmados pelos alunos do seu trajeto da casa para escola. Desse modo, conversaríamos sobre as diferentes formas de se chegar à escola, as diferentes possibilidades e olhares que são possíveis capturar do Rio, das proximidades da escola. Depois da exibição, iríamos para sala e começaríamos uma nova atividade que seria a recriar dentro da sala o Rio de Janeiro, a partir dos vídeos que acabaram de ver, numa espécie de maquete gigante em que fosse a cidade criada por suas paisagens mais significativas. Nesse momento é válido dizer que toda criação da maquete “gigante” seria registrada por uma câmera que



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

ficaria no teto da sala filmando-a por completo, para esse vídeo ser utilizado na atual anterior.

4 – Essa aula começaria com a exibição de paisagens do Rio de Janeiro, selecionadas ordinariamente como Cristo, Corcovado, Praia de Copacabana... Primeiro para brincar de quem sabe as paisagens da cidade, mas para conseqüentemente exibir o vídeo da aula anterior que foi feito deles criando o Rio. O intuito é então: primeiro contrapor essas imagens que são ícones do Rio, mas que possivelmente não fazem assim tão parte do cotidiano das crianças; o segundo é quebrar a perspectiva horizontal infantil, já que essa é predominante em suas percepções espaciais. Logo depois trabalharíamos com a confecção de maquetes de diferentes espaços, o objetivo aqui é fazê-los perceber que a superfície da terra pode receber qualquer tipo de organização espacial, desde uma fazenda até uma cidade, e que essas são paisagens construídas pelo homem num certo tempo. Logo, a confecção das maquetes seria filmada e logo depois exibiríamos os vídeos na aula seguinte, fazendo com que eles se percebam agentes criadores da paisagem.

5 – No início da aula apresentaríamos às crianças alguns minutos dos irmãos Lumière e da *Retrospectiva Kiarostami-Erice: Outras Correspondências* (que foram feitos por crianças), para elas terem uma ideia da atividade que viriam a fazer. Falaríamos um pouco sobre esses minutos, e logo depois disponibilizaríamos câmeras, para cada um deles escolherem um ponto da escola a ser filmado (ou de seu entorno imediato se as autoridades e responsáveis autorizarem). Mais uma vez, o objetivo é buscar as diferentes representações espaciais que podem ser geradas do mesmo espaço e proporcionar os primeiros contatos com o cinema como arte, restaurando a primeira vez do cinema.

6 – Como ultima parte da seqüência de atividades propomos a exibição dos minutos Lumière feitos na escola, juntamente com a exibição do filme feito pelas



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

crianças da Escola de Cinema (2008) chamado *Rio 40 graus, sob o olhar das crianças, ontem e hoje*. Avaliação dos alunos e professores da experiência realizada.

Acreditamos que este projeto só será passível de se tornar uma pesquisa quando comece sua realização. Até o momento apenas temos testado o interesse dos professores e coordenadores desta área no CAP da UFRJ e todo parece indicar ventos favoráveis. Ainda estamos ansiosos por saber as respostas das crianças a estas aulas/oficinas. Mas acreditamos que o projeto, o esforço de sintetizar leituras de diferentes campos do saber para tentar colocá-las em diálogo e produzir projetos em vias de experimentações de troca e de criação de materiais para futuras pesquisas da interação entre cinema e educação, torna válido apresentar neste congresso esta proposta.

### REFERÊNCIAS

- BERGALA, Alain. *L'hypothèse cinéma. Petit traité de transmission du cinéma à école e tailleurs*. Paris: Petit Bibliothèque des Cahiers du Cinéma, 2002.
- CARLOS, A. F. A (orgs). *A Geografia na Sala de Aula*. São Paulo: Contexto, 2007.
- CASTRO, I. E. *Geografia e Política: território, escalas de ação e instituições*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- COSGROVE, D. "Em Direção a Uma Geografia Cultural Radical: Problemas da Teoria." In CORRÊA, R. L; ROSENDAHL, Z (orgs.). *Introdução à Geografia Cultural – 2ª ed.* – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- DUNCAN, J. *The city as a text: the politics of landscape interpretation in the Kandyan Kingdom*. USA: Cambridge University Press, 1990.
- FRANCASTEL, Pierre. *A realidade figurativa*. Sao Paulo: Ed. Perspectiva, 1985.
- JAPIASSU, Hilton. *O mito da neutralidade científica*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- MORAES, A. C. R. *Geografia: pequena história crítica*. - 21ª ed. - São Paulo: Annablume, 2007.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

STRAFORINI, R. *Ensinar Geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais*. São Paulo: Annablume, 2004.

TUAN, Y. F. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

VIGOTSKI, L. S. *A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 7ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.